

O DESTINO DO “ESPÍRITO JAPONÊS”¹

*Yoshinobu Hirata*²

RESUMO: O significado da expressão *yamato damashii*, “espírito japonês”, sofreu uma distorção, durante o decorrer da História, tendo sido utilizada, na época da Segunda Guerra, com uma conotação nacionalista que deturpava totalmente a sua concepção original. O presente trabalho procura, portanto, resgatar as primeiras idéias que se lhe associam, através de exemplos retirados de algumas das mais importantes obras da literatura japonesa.

ABSTRACT: The meaning of the expression *yamato damashii*, Japanese spirit, was distorted throughout History and was used, during World War II, with a nationalist connotation which completely misrepresented its original conception. This essay aims, then, rescue the first ideas which are associated with it, through some of the most representative pieces of Japanese literature.

PALAVRAS-CHAVE: espírito japonês, cultura japonesa, povo japonês, literatura japonesa, *yamato damashii*.

KEYWORDS: Japanese spirit, Japanese culture, Japanese people, Japanese Literature, *yamato damashii*.

1. O presente artigo baseia-se nas palestras proferidas no Centro de Línguas da Fundação Japão (20.6.1997) e no Centro de Estudos Japoneses da USP (28.6.1997).
2. Professor Visitante da Universidade Nacional de Yokohama, Japão, junto ao Curso de Língua e Literatura Japonesa da FFLCH da USP, em 1997.

Hoje, na chamada era da globalização, quando as relações entre diversos países e povos tornam-se cada vez mais freqüentes, os japoneses nunca estiveram tão seriamente preocupados em se conscientizar e buscar o conhecimento necessário para tornarem-se cidadãos do mundo.

Na presente palestra, gostaria de realizar o resgate histórico do espírito japonês, sob os pontos de vista cultural e literário, que dizem respeito à minha área de especialização. Senti certa relutância, devido ao seu caráter incitante e polêmico, mas o termo *yamato damashii* (espírito japonês) será a palavra-chave desta palestra.

Não é o caso dos jovens, mas para pessoas da minha idade ou próximas, esta palavra resta na nossa mente como um dos terríveis lemas criados, durante a Segunda Guerra, que incitavam o povo japonês a se engajar na luta, de corpo e alma. (Eu mesmo, como parte da “nação jovem”, *shôkokumin*, cresci em meio a uma avalanche de gritos de guerra como “nada desejarei, até vencermos” ou “não parem de atirar”.) Nos dias de hoje, no entanto, trata-se praticamente de uma palavra em desuso.

Na realidade, exemplos da palavra *yamato damashii* podem ser encontrados, nas obras da época Heian³, possuindo acepção bastante profunda. Refere-se, obviamente, ao espírito inerente ao povo japonês, tendo, a palavra em si, uma história bastante antiga.

Podemos destacar as seguintes acepções, encontradas nos dicionários:

- a) *Dai-Nihon Kokugo Jiten* (predecessor de *Nihon Kokugo Dai-Jiten*)
 - 1) mentalidade própria do povo japonês;
 - 2) caráter que valoriza a retidão, reverencia a Casa Imperial e busca enaltecer a honra nacional, colocada acima de qualquer injúria externa.
- b) *Kôjien*, de ampla adoção, atualmente, encontramos na acepção 2: Espírito próprio do povo japonês. São suas qualidades especiais, a bravura e a integridade.

Os exemplos citados são retirados de obras da época Edo⁴.

A acepção de *yamato damashii* amplamente utilizada, antes da Segunda Guerra, mantém estreita relação com a “política nacional” (*Kokutai*, que não tem qualquer relação com a abreviatura de *Kokumin Taiiku Taikai*, “Campeonato de Nacional de Atletismo”). A constituição de Meiji (1889) dividiu, nitidamente, aquilo que, originalmente, deveriam ser uma coisa só: “sistema de governo” (*seitai*) e “política nacional” (*kokutai*). (Fato impensável no sistema jurídico de outros países.) O jurista Hozumi Yatsuka⁵ deixou uma célebre frase: “O ‘sistema de governo’ deve ser revisto, a ‘política nacional’ não deve ser alterada”

O que se entende, então, por “política nacional”?

O artigo 1º da Lei de Manutenção da Ordem Pública reza que aquele que tentar mudar a “política nacional” será punido e, nesse caso, “política nacional” refere-se à estrutura nacional do artigo 1º da Constituição de Meiji que diz: “O grande império nipônico será governado por uma única linhagem de imperadores”

3. Época Heian (794~1192) – Período que vai desde a transferência da capital para Heiankyô (atual Quioto) até o estabelecimento do xogunato de Kamakura. (N. da T.)

4. Época Edo (1603~1868) – Refere-se à época do xogunato do clã Tokugawa. (N. da T.)

5. Hozumi Yatsuka (1860~1912) – Foi professor da Universidade de Tóquio e renomado jurista. (N. da T.)

Watari Shozaburo, uma autoridade em educação moral da pré-guerra, disse: “A peculiaridade do espírito do nosso país, denominado *yamato gokoro*, *yamato damashii* ou ainda *nihon seishin*, reside no seu caráter nacional” E explica: “O nosso *yamato damashii* é um grandioso espírito nacional que *concretiza* a própria estrutura da política nacional. Sob o nosso ponto de vista (do povo) trata-se do espírito cívico de total subserviência ao progresso do Estado imperial”

Além de sua ligação com “política nacional”, a palavra *yamato damashii* é frequentemente relacionada com o “caminho ético do samurai” (*bushidô*) Watari Shozaburo continua:

O forte espírito combatente do samurai é a maior particularidade do *yamato damashii*, não havendo *yamato damashii* sem esse espírito combatente. Foram esses espíritos de fidelidade e de combatividade que fizeram a grandeza atual do nosso país, e o desenvolvimento do destino nacional, no futuro, dependerá igualmente deles.

Há ainda a relação entre *yamato damashii* e o lema “fidelidade ao imperador e amor à Pátria”, especialmente enfatizada na educação moral de pré-guerra, conforme se vê, por exemplo, no seguinte poema de Abe Takeomi:

Yamato damashii, dávida divina,
Para que servir possam os homens,
à sua alteza Imperial e à amada Pátria.

Yamato damashii era considerada uma dádiva divina concedida ao povo japonês, para dedicar fidelidade ao imperador e amor à Pátria.

A utilização, porém, de *yamato damashii*, relacionado, dessa forma, às concepções como “política nacional”, “caminho ético do samurai”, ou “fidelidade ao imperador e amor à Pátria”, não é, absolutamente, a sua utilização original. Conforme explanarei, mais adiante, as citadas concepções só surgem a partir da época Edo e, com o surgimento do militarismo, a sua utilização intensifica-se, após a época Meiji⁶. Assim sendo, gostaria de rever, aqui, o significado original da palavra *yamato damashii*.

O exemplo mais antigo de *yamato damashii* é encontrado na obra denominada *Genji Monogatari* (*Narrativas de Genji*), escrita em meados da época Heian. *Genji Monogatari* é considerada, atualmente, a obra representativa da literatura clássica japonesa e até mesmo da literatura clássica universal. Sua autora é Murasaki Shikibu.

Há alguns anos, publiquei *Genji Monogatari* em quadrinhos, uma publicação voltada para crianças. Os cinquenta e quatro tomos de *Genji Monogatari* permitem várias leituras, mas gostaria que as crianças conseguissem realizar uma apreensão global que resumi, no final do livro, da seguinte maneira:

Genji Monogatari é um romance, dividido em 54 tomos. O primeiro capítulo é denominado “Kiritsubo” (“*Kiritsubo*”) e o último “A Ponte Flutuante dos Sonhos” (“*Yume no Ukihashi*”).

6. Época Meiji (1868~1911) – Época que inaugura o fim do isolamento do Japão, com a abertura de seus portos a países estrangeiros. (N. da T.)

Cada um dos tomos apresenta-se fascinante, mas torna-se importante também apreender o seu sentido global.

O protagonista é Hikaru Genji. Filho do imperador Kiritsubo, era dotado de profunda inteligência e possuía uma rara beleza. De maneira geral, a obra *Genji Monogatari* é conhecida como uma narrativa que relata o romance de Genji com suas inúmeras mulheres, entre elas, Fujitsubo, Murasaki no Ue, Aoi no Ue, Yûgao, Utsusemi, Suetsumu Hana.

Sem dúvida, os vários romances de Genji contribuem para tornar esta narrativa muito mais fascinante, mas o que a autora quis transmitir através desses 54 tomos, certamente não se restringe a isso.

Hikaru Genji é retratado como um jovem dotado de inúmeros talentos e amado por todas as pessoas, mas, por outro lado, perde, cedo, a sua mãe e seus avós, e passa uma existência solitária, tendo como único apoio o seu pai. Ao perder também o pai, é obrigado a enfrentar, sozinho, a dura realidade da vida.

A autora coloca no caminho de Genji uma série de obstáculos. E consegue descrever, com máxima diligência e perfeição, as dificuldades, as mágoas de Genji, diante de cada um desses obstáculos.

O grande mérito de *Genji Monogatari* reside no fato de a autora, ao retratar a existência de Genji, não ter se limitado ao modo de vida de um nobre da época Heian, mas abordá-lo sob um enfoque universal.

O modo de vida ou as emoções de Hikaru Genji e das pessoas que o cercam não são, absolutamente, diferentes da nossa. Através da sua leitura, temos a impressão de que uma autora que viveu há mil anos atrás, indaga-nos solenemente sobre o significado da existência humana. (Yoshinobu Hirata, *Genji Monogatari (Narrativas de Genji)*, Tóquio, Kumon Shuppan, 1995.)

Trata-se, assim, de uma obra que retrata a existência do personagem Hikaru Genji, e a palavra *yamato damashii* é encontrada no tomo 21, no capítulo intitulado “*Otome*” (“Donzela”).

Não vejo necessidade de, desde agora, iniciá-lo na vida adulta, mas tenho minhas razões para querer vê-lo dedicando-se aos estudos.

Considerando esses dois, três anos como um percurso extra até a ascensão social, quando ele estiver realmente pronto para assumir suas obrigações sociais, ele seguirá o rumo normal. Nasci e cresci no interior do palácio imperial, desconheço o que se passa pelo mundo. Estive perto de meu pai, sua Alteza Imperial, limitando-me a ler uns poucos livros. Mesmo diante do privilégio de ter recebido o ensinamento de sua Alteza, o conhecimento pareceu-me insuficiente, seja com relação aos estudos clássicos chineses, seja com relação aos estudos musicais, pelo desconhecimento de um estudo mais abrangente. Exemplo de filho sábio que suplanta o pai insignificante é extremamente raro, e sinto-me bastante preocupado em perceber que os estudos vão se perdendo, cada vez mais, de geração a geração, razão pela qual desejo ver meu filho dedicando-se aos estudos. Aqueles que nasceram em famílias de alta estirpe e galgaram, sem esforço, as posições sociais e graus hierárquicos, acostumam-se, por demais, à glória, e tendem a não se empenharem no duro exercício do saber. Os jovens que se dedicam só aos prazeres ou à música e, ainda assim, galgam altos postos, são levados pela ilusão de serem figuras importantes e respeitadas, devido à adulação por parte dos que só têm interesse pela posição social. Mas com a mudança dos tempos e o enfraquecimento do poder, pelo desaparecimento do seu protetor, passam a ser desprezados e desrespeitados por perderem seu apoio.

De fato, somente com uma sólida formação nos estudos clássicos chineses é possível manifestar a sabedoria prática (*Yamato damashii*) que seja útil à sociedade.

Embora a insatisfação possa prevalecer, por algum tempo, proporcionando-lhe uma sólida educação, digna de um líder de um Estado, acredito que ele terá formação suficiente para seguir seu caminho, mesmo após a minha partida.

Mesmo que, no momento, a condição não seja das mais satisfatórias, desde que me coloque como seu protetor, por certo não haverá ninguém, desprezando-o como um pobre estudante.

(Capítulo “Otome”, *Genji Monogatari*)

Anteriormente, no capítulo 19, denominado “*Usugumo*” (“Tênue Nuvem”), falece a imperatriz Fujitsubo, a pessoa mais querida e também a sua madrasta. No capítulo 20, “*Asagao*” (“Campânula”), Genji vê encerrada a sua juventude e, apesar de seus trinta anos, abatido, começa a sentir a chegada da velhice.

No capítulo “*Otome*”, em questão, Yûgiri, o filho de Genji com a falecida Aoi no Ue, atinge a maioridade e inicia um romance com Kumoi no Kari. Trata-se do capítulo introdutório à segunda geração.

Conforme visto no exemplo acima, Genji não permite que Yûgiri inicie a sua carreira pública no 4º grau, como era de praxe, atribuindo-lhe o 6º grau. Ele deseja também que seu filho frequente o Departamento de Altos Estudos (*Daigakuryô*), para onde eram enviados somente os filhos da média e baixa nobreza.

Naturalmente, a mãe de Aoi no Ue, avó de Yûgiri, demonstra sua insatisfação, com pena do neto. A explicação dada por Genji à sua sogra revela claramente a sua visão educacional e, por conseguinte, da autora Murasaki Shikibu.

Embora Genji ainda não queira realizar a cerimônia da maioridade (*genpuku*) de Yûgiri, por ainda tê-lo como criança, Genji inicia a explicação dizendo:

Não vejo necessidade de, desde agora, iniciá-lo na vida adulta, mas tenho as minhas razões para querer vê-lo dedicando-se aos estudos.

Consideremos esses dois, três anos como um percurso extra até a ascensão social...

Tendo em vista que, ao negligenciar-se o estudo, este vai sendo perdido, de geração a geração, diz Genji:

Aqueles que nasceram em famílias de alta estirpe e galgaram, sem esforço, as posições sociais e graus hierárquicos, acostumam-se por demais à glória, e tendem a não se empenharem no duro exercício do saber.

Especialmente em casos como o de Genji, príncipe herdeiro retirado da linha sucessória e tornado súdito, era natural que o grau hierárquico fosse se tornando, cada vez mais baixo, quanto mais se afastasse da linhagem imperial. Temos exemplo disso no caso de famílias que sucumbem na segunda ou terceira geração e, sei, por experiência própria, que sem um certo grau de sentimento de privação, não se consegue empenho nos estudos.

Estudei literatura com o Prof. Yoshida Seiichi, proeminente estudioso da literatura moderna, e na época em que eu era seu assistente, ele dirigiu-me a palavra, dizendo:

“Você leva jeito para a pesquisa literária.”

Perguntei-lhe a razão disso e ele me respondeu:

“A sua inteligência é perfeita para o estudo da literatura japonesa. A minha é um pouco superior.”

(O professor seguira uma carreira acadêmica brilhante, estudando nas escolas mais conceituadas.)

Quando fui, ainda, devolver a quantia de 220 mil ienes ao Prof. Hashimoto Fumio do Departamento de Acervos do Palácio Imperial, que havia me emprestado essa quantia, para a compra de um livro, o professor disse-me: “Hirata, a privação é positiva para o estudo” (São lembranças inesquecíveis de dois grandes mestres.)

Acompanhando a leitura do citado exemplo, notamos, mais adiante, a sagaz visão de Murasaki Shikibu, com relação à realidade da vida, e o despreparo dos jovens aristocratas:

Os jovens que se dedicam só aos prazeres ou à música e, ainda assim, galgam altos postos, são levados pela ilusão de serem figuras importantes e respeitadas, devido à adulação por parte dos que só têm interesse pela sua posição social. Mas com a mudança dos tempos e o enfraquecimento do poder, pelo desaparecimento do seu protetor, passam a ser desprezados e desrespeitados por perderem seu apoio.

Para que isso não ocorra, diz a autora, é preciso apurar o “conhecimento dos clássicos chineses” (*zae*). Somente o domínio dos clássicos chineses levaria a sociedade a reconhecer decisivamente o mérito do *yamato damashii*, capacitando a pessoa para tornar-se o sustentáculo do Estado.

O espírito ou a alma japonesa, aludidos no exemplo, não se referem absolutamente à bravura ou ao patriotismo. Considerando-se o conhecimento dos clássicos chineses (*zae*) como o princípio, *yamato damashii* seria a capacidade de aplicar e adaptar adequadamente essa teoria.

Não creio que a palavra *yamato damashii* tenha sido criada por Murasaki Shikibu só pelo fato de encontrarmos, em *Genji Monogatari*, o seu primeiro exemplo. Fica evidente, no entanto, que no estágio da redação da obra, a autora Murasaki Shikibu possuía uma sólida visão do povo japonês, ou pelo menos, estava convicta de que essa habilidade de adaptar-se e utilizar efetivamente a teoria formal introduzida da China destacava-se como uma peculiaridade do povo chinês.

Essa peculiaridade, apreendida por uma escritora que viveu há mil anos atrás, não se encaixaria perfeitamente nos japoneses de hoje? No pós-guerra, assistimos, no Japão, um surpreendente desenvolvimento das técnicas científicas, mas o mérito parece residir, não tanto no fato de se criar algo do nada, e sim, na habilidade de recriar produtos adaptados à realidade do momento.

O mesmo pode ser dito com relação à recepção de culturas estrangeiras. Poucos são os países como o Japão, que, considerado um “repositório de culturas”, recebeu tanta influência exterior. Podemos notar pela antiga capital, Quioto, que sua construção

segue o modelo chinês da capital planejada Chang'an, da Dinastia Tang⁷. O portal foi imitado, mas os muros que cercam a cidade, não. O material utilizado ficou restrito à madeira. As famosas janelas em estilo chinês não foram copiadas, mas adaptadas. Houve uma seleção do que adotar ou não adotar, conforme a realidade geográfica e climática do Japão, resultando na construção de uma cidade típica do Japão.

Trata-se de um único exemplo, mas o espírito japonês denominado *yamato damashii*, certamente interpretado por uma escritora que viveu há mil anos atrás como uma adaptabilidade prática, não se adequaria, tal qual, aos japoneses de hoje?

Na sociedade japonesa, existe a palavra *nemawashi* que pode ser traduzida por “articulação, acordo prévio” e que, no mundo político, é praticado constantemente no sentido não muito lícito. Novamente, não posso deixar de admirar Murasaki Shikibu pela sua certa visão da história da civilização.

A seguir, vejamos o exemplo retirado da obra *Ôkagami* (*O Grande Espelho*) também da Era Heian, mas um pouco posterior a *Genji Monogatari*.

No capítulo de apresentação do ministro Fujiwara no Tokihira, rival de Sugawara no Michizane, aparece a palavra *yamato damashii*, conforme segue:

No entanto, sua Excelência é possuidor de profunda “sabedoria prática”. O imperador Daigo tomou medidas rigorosas com relação aos usos e costumes, mas não havia conseguido conter as extravagâncias, quando Tokihira compareceu ao palácio, vestindo um luxuoso traje, que contrariava a vontade imperial de abolir a ostentação. Ao avistar a figura de Tokihira, que se encontrava a serviço, no aposento dos súditos, o imperador mostrou-se bastante aborrecido e, chamando o secretário-chefe, mandou dizer a Tokihira:

“Numa época em que tomamos rigorosas medidas contra as extravagâncias, é inadmissível que alguém compareça, ao palácio, com trajes luxuosos, mesmo que esse alguém seja um alto funcionário como o Ministro da Esquerda. Que se retire imediatamente!”

O secretário encarregado de tal mensagem, transmite-a, tremendo de pavor. Tokihira, bastante surpreso, acata humildemente a repreensão e retira-se imediatamente, dispensando até mesmo os seguranças, fato que causou espanto aos batedores. Tokihira, então, cerrou o portão da sua residência, por cerca de um mês, permaneceu oculto do outro lado do *misu* (tipo de veneziana de bambu) e recusava-se a receber visitas, dizendo que recebera severa punição por parte do imperador, fato que, afinal, conseguiu acabar com o hábito da extravagância.

Comenta-se, sigilosamente, que isso fora uma encenação armada por Tokihira e pelo imperador, na tentativa de acabar com as extravagâncias.

“*Sadaijin Tokihira*” *Ôkagami* (Ministro da Esquerda Tokihira)

Nesse episódio que relata a tentativa do imperador em conter a extravagância e a ostentação, Tokihira, buscando alcançar a ordem social, transgride, propositalmente, a regra e apresenta-se diante do imperador trajado luxuosamente. O imperador mostra-se extremamente irritado, pelo fato de um de seus homens mais graduados, Ministro da Esquerda, que deveria dar o exemplo, estar transgredindo a regra imposta. A irritação do imperador é transmitida para Tokihira, por um trêmulo funcionário, temeroso da sua reação. Tokihira, supreso e extremamente vexado, confina-se em sua residência. O

7. Dinastia Tang – Dinastia que perdurou na China de 618 a 960. (N. da T.)

impacto causado por esse acontecimento faz desaparecer, totalmente, qualquer ato de luxúria ou extravagância. A narrativa conta que essa encenação fora montada por Tokihira e pelo imperador, para dar fim às extravagâncias.

Igualmente, nesse caso, *yamato damashii* refere-se à perspicácia de um arguto político, capaz de se adaptar a uma realidade efetiva. Há um ditado que diz: “O fim justifica os meios” *Yamato damashii* parece referir-se à adaptabilidade prática que não pode ser medida somente por conhecimentos intelectuais ou senso ético.

O exemplo seguinte foi retirado do tomo 29 da obra *Konjaku Monogatarishû* (*Coletânea de Narrativas que Agora são do Passado*), pertencente ao gênero denominado *setsuwa*.

O agora é passado, havia um Doutor em leis, chamado Kiyohara Yoshizumi. De erudição incomparável, em nada ficava a dever aos mestres da antigüidade. Tinha cerca de 70 anos e era bastante respeitado. Era, no entanto, bastante pobre, passando frequentemente por privações.

Não obstante, sua casa foi, certo dia, invadida por assaltantes. Como escondeu-se, sagazmente, sob o assoalho da varanda, não foi visto pelos ladrões. Eles invadiram a casa, pegavam ou quebravam o que viam pela frente, destruíram, aos pisões, toda a casa e partiram praguejando.

Nesse momento, Yoshizumi arrastou-se rapidamente do seu esconderijo e, correndo até o portão, de onde saíram os ladrões, bradou colérico, batendo o portão:

“Ei, vocês aí, guardei a cara de cada um de vocês. Logo que amanhecer, prestarei queixa ao comissário-chefe e mandarei prender um por um”

Os ladrões voltaram em alvoroço para a casa, dizendo:

“Ouviram isso? Vamos voltar lá e matá-lo.”

Yoshizumi, afobado, tentou rapidamente voltar para o seu esconderijo, mas deu com a testa na varanda e não conseguia esconder-se, de pronto, quando os ladrões adentraram correndo e, arrastando-o do esconderijo, mataram-no, partindo sua cabeça com a espada. Os ladrões fugiram do local, logo a seguir, não havendo qualquer medida a ser tomada.

Yoshizumi era dotado de admirável saber, mas destituído de qualquer “sabedoria prática” (*yamato damashii*), razão pela qual, dizendo uma tolice dessas, acabou sendo morto.

Conta-se que assim foi dito.

(*Konjaku Monogatari*, Tomo 29, Narrativa 20)

O protagonista Kiyohara Yoshizumi é parente de Sei Shonagon (autora da famosa obra *Makurano Sôshi*, do século XI). Ele é citado em *Midô Kanpakuki*, diário de Fujiwara no Michinaga, numa anotação do ano de 1007.

Segundo o diário, durante um colóquio de eruditos, presenciado por Michinaga, Yoshizumi tomou, de repente, atitudes tresloucadas (como latir), durante a discussão e acabou sendo expulso do grupo. Parece que se tratava de uma pessoa originalmente exocêntrica.

No episódio de *Konjaku Monogatarishû*, Yoshizumi escapa ileso de um assalto ocorrido em sua residência, mas ao perceber que os assaltantes deixavam a casa, sai correndo atrás deles, dizendo que os reconheceu e que, tão cedo amanhecesse, delatarlos-ia para as autoridades policiais e mandar-los-ia prender. Diante de tal ameaça, os assaltantes retornam e acabam por matá-lo. Essa atitude despropositada que resulta numa morte estúpida é criticada como típico de “alguém que não possui qualquer *yamato*

damashii”, sendo essa ingenuidade e estéril erudição motivo de chacota. Segundo a historiografia *Nihonkiryaku*, tal assalto encontra-se registrado como ocorrido em julho de 1010.

Podemos dizer que, nesse caso, a atitude imbuída de *yamato damashii* refere-se à atitude adulta, onde há uma relação humana harmoniosa e equilibrada. Ou seja, no caso do episódio de *Konjaku Monogatari* indica a sabedoria que evitaria uma morte inútil.

Por ironia, houve durante a Segunda Guerra uma infeliz época em que se acreditava que a morte suicida como a dos “pilotos suicidas kamikaze” ou do “pelotão das lanças de bambu” seria a manifestação do *yamato damashii*. Trata-se, no entanto, de ações totalmente opostas ao sentido original da palavra.

Podemos encontrar, ainda, a palavra *yamato gokoro* utilizada, desde a Era Heian, praticamente com idêntica acepção, como se vê no seguinte exemplo retirado de *Ôkagami* (*O Grande Espelho*):

Quando Takaie era administrador geral da região de Tsukushi (atual Kyûshû), a região foi invadida por um povo que atravessou o mar, vindo da China. O posto avançado da região não estava preparado para um ataque, e como Takaie desconhecia qualquer tática de defesa, viu-se em maus lençóis. Como era, no entanto, um homem dotado de “sabedoria prática” (*Yamato gokoro*), convocou os guerreiros de todas as regiões próximas, inclusive os funcionários civis do posto, formou um grande pelotão, causando enorme baixa no grupo invasor.

(*Ôkagami*, Episódio de Takaie, inserido na Biografia de Michitaka)

O referido exemplo reforça a idéia de que, embora Takaie desconhecesse, por completo, as técnicas de um arqueiro, era um sábio estrategista que, reunindo os soldados da região, conseguiu evitar a invasão de povos estrangeiros.

Através desses exemplos, depreende-se que *yamato damashii*, em contraste com a pura erudição, refere-se à capacidade de tomar medidas acertadas, no momento certo, e de solucionar efetivamente os problemas.

No entanto, essa acepção original vai sofrer uma grande distorção, na época Edo.

O surgimento da classe guerreira deu origem a conceitos como “Caminho do guerreiro” (*mononouno michi*) ou “Caminho do arqueiro” (*yumiyano michi*) (a palavra *bushidô* é mais recente), independente de qualquer relação com *yamato damashii*, conforme exemplos a seguir, retirados das obras *Taiheiki* (*Registro da Grande Paz*), *Jikkinshô* (*Tratado dos Dez Mandamentos*) e *Uji Shûi Monogatari* (*Narrativas Coletadas em Uji*):

“O Caminho do arqueiro tem como princípio não temer a morte e honrar o nome da família.”

(*Taiheiki*, tomo 10)

“A vida não tem valor, meu último ato, antes de morrer, será atirar uma flecha – eis o caminho do arqueiro.”

(*Jikkinshô*, Parte 1)

“Os japoneses não temem absolutamente a morte. Atiram inúmeras flechas, razão pela qual, conseguem matar, no local. Não há como igualar-se aos japoneses no Caminho do guerreiro.”

(*Uji Shûi Monogatari*)

Trata-se de concepções que nos remetem a expressões como *bukon* (espírito guerreiro) ou *bushidô* (“caminho ético do guerreiro”) surgidas posteriormente. Tais expressões, no entanto, fazem parte das regras da sociedade guerreira e eram utilizadas com o significado de “dever de lealdade ao senhor feudal”

Já no caso do exemplo de *Uji Shûi Monogatari*, nota-se a ênfase dada à relação entre o caminho do guerreiro e o povo japonês, podendo ser considerado um dos exemplos mais antigos sobre a referida relação.

Buscando exemplos mais recentes, podemos ainda encontrar a utilização muito semelhante da palavra *yamato damashii* tal qual nos exemplos da época Heian. Senão vejamos:

Se me perguntarem qual o sentido do povo japonês,
Responderei: a flor da cerejeira agreste que exala brilho, ao sol matinal.

Na descrição da heróica morte do guerreiro no campo de batalha, ele é retratado bravamente, devido às corajosas ações. Se exposto, no entanto, o seu íntimo, nesse momento, provavelmente, mostrar-se-á saudosos dos seus pais que ficaram na terra natal. Provavelmente, terá desejos de rever, mais uma vez, a esposa e os filhos e, até sentirá, um pouco, a perda da vida. São todos sentimentos imutáveis, qualquer um os teria. Não tê-los, é sermos menos do que uma rocha ou uma árvore. Expostos, nuamente, serão, em grande parte, sentimentos imaturos (infantis) ou irrefletidos como os das mulheres e crianças.

(Motoori Norinaga, *Shibunyôrô*)

Motoori Norinaga⁸ denomina de *yamato damashii* o sentimento pueril tal qual o da mulher ou da criança e, diferenciando-o do “espírito chinês” imbuído de concepções confucionistas, assinala a superioridade do *yamato damashii*.

Dessa forma, apesar da existência de literatos que buscaram resgatar o significado original da palavra *yamato damashii*, foi um homônimo meu, Hirata Atsutane (discípulo de Norinaga) que distorceu sobremaneira a sua acepção, fazendo colocações como:

“O povo deste país preza, por natureza, a bravura e a retidão. A isto chamamos *yamato gokoro* ou *mikuni damashii*.”

(Hirata Atsutane, *Kodô Taii*, 1809)

Em sua obra, Hirata Atsutane enfatiza o aspecto bravo e varonil de *yamato damashii*, e essa concepção acabou servindo de fundamento teórico para lemas como “Veneração ao imperador e expulsão aos bárbaros”, dos fins do xogunato de Tokugawa. Com a adesão de escolas nacionalistas como a de Mito (Mitogaku) ou o pensamento

8. Motoori Norinaga (1730~1801) – Grande estudioso dos clássicos japoneses, deixou inúmeros trabalhos de grande relevância. (N. da T.)

nacionalista da “Veneração ao imperador e amor à Pátria” defendido por Yoshida Shôin, o movimento de derrubada do governo militar foi se fortalecendo.

Tendo como limite o Rescrito Educacional de 1890, assiste-se à promoção do *bushidô* (caminho ético do guerreiro), segundo Chamberlain⁹, “a invenção de uma nova religião” O fato de tal ideologia improvisada ter sido utilizada como embasamento teórico do militarismo japonês posterior, foi lamentável.

Muitas críticas estão sendo feitas com relação à postura do Japão de Pós-Guerra, seja para a sua democracia, para o seu estilo de vida familiar ou para a sua corrida econômica desenfreada, e não posso deixar de expressar a minha admiração àqueles que viveram na época Heian, especialmente a Muraasaki Shikibu que foi capaz de perceber, sagaz e corretamente, a essência do povo japonês que flui consistentemente naquilo que pode ser reconhecido como genuinamente nipônico.

A obra *Genji Monogatari* recebeu inúmeras repressões, durante a guerra. A apresentação da peça teatral do grupo Shinkabuki da Companhia Shôchiku foi proibida, a versão para a língua moderna de Tanizaki Junichiro sofreu inúmeros cortes, e a história de Wakamurasaki (capítulo em que Genji e Fujitsubo, sua madrastra, passam uma noite de amor), colocada em discussão, na Dieta, foi retirada dos livros didáticos, por ter sido considerada uma história imoral, envolvendo uma imperatriz.

Recordo-me, ainda, do nome de um estudioso, Tachibana Junichi, que fazia na Dieta denúncias, claramente adulatórias, contra *Genji Monogatari*. Sei também que houve uma intelectual, Morimoto Motoko, que, descobrindo na universalidade de *Genji Monogatari* o seu grande valor, reunia grupos de estudantes, na fábrica de aviões e, enquanto estimulava-os a se empenharem na produção, diariamente, após o almoço, fazia a leitura de *Genji Monogatari*, no refeitório, cativando, inclusive, a atenção do pessoal da cozinha.

No exemplo de *Genji Monogatari*, do capítulo “Otome”, destacado anteriormente, trechos como “somente com uma sólida formação nos estudos clássicos chineses” foram considerados afrontosos contra o Japão, o que justificaria a censura da obra.

Considerar imprescindível a “formação nos estudos clássicos chineses” não reflete, absolutamente, qualquer tipo de complexo, por parte das pessoas de Heian, com relação à cultura continental. Senão, vejamos o seguinte trecho, retirado do capítulo “Hotaru” (“Vagalume”), de *Genji Monogatari*:

Se não for através da leitura dessas narrativas antigas, que outra maneira teriam para preencher o enfado? Mesmo tratando-se de ficções, há, por vezes, narrativas que nos sensibilizam de tal modo que chegamos a confundir realidade e ficção, isso chega a ser tocante. Outras vezes, deparamo-nos com fatos completamente inverossímeis e nos surpreendemos pelo seu exagero. Mas, ao ouvirmos novamente, com mais calma, chegamos a sentir raiva, mas, mesmo assim, encontraremos alguns aspectos que acabam nos convencendo.

[...]

Acabei, despolidamente, depreciando as narrativas. Dizem que as narrativas registram os fatos acontecidos desde a época dos deuses.

9. Chamberlain, Basil Hall (1850~1935) – Lingüista inglês, chegou ao Japão em 1873 e lecionou na Universidade de Tóquio de 1886 a 1890. (N. da T.)

As Historiografias oficiais abordam apenas uma pequena parte da realidade. Nessas narrativas, sim, é que podemos encontrar o relato minucioso de fatos verdadeiramente relevantes à nossa existência.

(*Genji Monogatari*, “*Hotaru*”)

No trecho acima, Murasaki Shikibu explana sobre a importância da ficção, característica principal das narrativas *monogatari*. Segundo a autora, as historiografias oficiais, quando comparadas às narrativas *monogatari* mostram apenas um recorte da realidade. Mostra-se convicta de que a realidade das narrativas *monogatari* reflete muito mais a realidade do momento, do que as historiografias oficiais, escritas em estilo chinês.

O seguinte exemplo, retirado de seu diário *Murasaki Shikibu Nikki* (*Diário de Murasaki Shikibu*), confirma tal postura:

Quando Sua Alteza ouviu a leitura das narrativas de *Genji*, teceu o seguinte comentário:

“A autora parece ter lido as historiografias do país, de difícil leitura. Parece ser dotada, realmente, de grande erudição.”

A dama conhecida como Saimo no Naishi, ao ouvir isso, comentou em tom conjectural, para os presentes:

“Dizem que ela possui uma tremenda erudição”, apelidando-me de a “Dama das Historiografias”, algo extremamente ridículo. Se eu evitava ler os clássicos chineses, mesmo na presença das minhas pajens, quem sou eu para expor publicamente a minha cultura, num local como o recinto palacial?

[*Murasaki Shikibu Nikki*, “*Nihongino Tsubone*” (“Dama das Historiografias”)]

A reação de contrariedade da autora, ao comentar que fora apelidada de “Dama das Historiografias”, parece evidenciar a profunda convicção íntima que ela possuía com relação à estrutura literária de *Genji Monogatari*.

O seguinte exemplo do prefácio da antologia poética *Kokinwakashû* (*Antologia Poética de Hoje e Outrora*) apresenta a mesma tendência:

Se o sentimento humano fosse uma semente, a poesia japonesa (*yamato uta*) seria as folhas que daí brotam [...]

A morte do grande poeta Hitomaro não impediu que o poema japonês tivesse continuidade.

Mesmo com o esvaír do tempo e a transformação do mundo, as letras deste poema serão eternas.

Se esta antologia sobreviver aos tempos assim como as folhas perenes do pinheiro (*matsu*), as longas trepadeiras do evônimo-do-Japão (*masaki*) ou as marcas deixadas, na areia, pelos pássaros, aquele que for versado no poetar e significado das coisas, provavelmente, tal qual faz ao contemplar a lua no imenso céu, lançará um olhar saudoso, em direção ao passado que criou esta antologia.

(*Kokinshû Kanajo*, prefácio japonês de *Kokinshû*)

O poeta Kino Tsurayuki, autor do prefácio, enaltece sobremaneira a existência do poema japonês (*yamato uta*, assim denominado em oposição ao poema chinês, *kara*

uta), de modo a sedimentar um orgulho incomum, mesmo nas avaliações dos críticos de épocas posteriores. Após trinta anos, a convicção de Tsurayuki permanece inalterada, conforme pode ser vista na sua obra *Tosa Nikki* (*Diário de Tosa*), escrita já na sua velhice, e onde Tsurayuki, através do poeta Abe no Nakamaro, enfatiza novamente a presença do poema japonês.

Diz-se que essa lua surgiu do mar.

Diante disso, disse o Sr. Nakamaro: “No meu país, compõe-se poema como este, desde o tempo dos deuses e, hoje em dia, pessoas de todas as classes sociais costumam compor um poema, seja para lamentar uma partida tal qual ora nos deparamos, seja para festejar uma alegria ou chorar de tristeza.”

E compôs o seguinte poema:

Ao contemplar o longínquo céu,
(O azul infinito do mar)
Vejo a mesma lua
Que brilha sobre o monte Mikasa, em Kasuga.

(*Tosa Nikki*)

Gostaria novamente de ressaltar que, na época Heian, valorizava-se, acima de tudo, a apurada sensibilidade capaz de tomar medidas adequadas e oportunas a cada situação, demonstrando uma gentileza infinita para com outrem. Reconhecia-se, aí, a manifestação do *yamato damashii*, e, além disso, é inegável que possuíam uma profunda convicção nessa apurada sensibilidade. Referências como “fina sensualidade” (*irogonomi*) ou “discernimento do momento oportuno” (*orio shiru kokoro*) destacadas como quesitos do homem ideal são a clara manifestação disso.

Para que os japoneses possam viver daqui para a frente, nessa sociedade globalizada, espera-se que despertem para o verdadeiro significado da palavra *yamato damashii* e que, bem ou mal, tenham-na como um apoio. Gostaria que fosse evitado o uso oportunista dos pensamentos ou das terminologias que surgem no decorrer da História (chama-se a isso de crítica fragmentada). Esperando que o Japão não volte a se tornar um país com uma leviana visão cultural, censurando obras como *Genji Monogatari*, levado apenas por uma leitura literal e superficial, procurei conduzir a presente palestra da maneira mais consciente e lúcida possível. Os meus agradecimentos pela atenção.

(Tradução Luiza Nana Yoshida)